

Comunicação, intelectualidade e mal-estar: um mapeamento temático de colunas de psicanalistas na Folha de São Paulo (1980-1998)¹

Iara BASTOS CAMPOS²

Isabela Lourenço PEREIRA³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

O presente artigo busca mapear as principais temáticas sobre as quais os psicanalistas são convocados a debater, enquanto colunistas na Folha de São Paulo. Para isso, compreendemos o psicanalista como intelectual, ou seja, especialista capaz de avaliar e diagnosticar as formas de mal-estar mental, psíquico e, principalmente, social, na contemporaneidade. Compõem nosso corpus 235 colunas assinadas por psicanalistas, publicadas entre 1980 e 1998 – período que vai da “crise” institucional da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro à cisão das escolas filiadas à Associação Mundial de Psicanálise. Identificamos dois principais eixos temáticos, que denominamos: 1) temas especializados, que são próprios da (ou apropriados pela) psicanálise; e 2) temas gerais – que incluem, dentre outros, Política, Mundo, Arte e Cultura, Violência e Comportamento.

Palavras-chave: imprensa; mal-estar; psicanalista; intelectual; colunas.

Comunicação e saberes: o lugar dos psicanalistas

Os meios de comunicação ocupam, nas sociedades contemporâneas, um lugar privilegiado em relação à constituição, produção e reprodução de discursos sociais. Sejam falas e sentidos proferidos a partir do senso comum, sejam discursos institucionalizados, a partir das vozes de especialistas, cientistas, intelectuais, o fato é que as mídias detêm o poder, ainda que compartilhado – em oposição, contraste ou consonância – com outras instituições, de propagar ou silenciar sentidos, autorizar ou desautorizar sujeitos, repetir ou deslocar discursos, que vão servir como referenciais para a conduta humana, de avaliação da realidade, mesmo de percepção de nossos próprios sentimentos de bem e de mal-estar.

Neste cenário, interessa-nos a figura do psicanalista, como um intelectual capaz de diagnosticar o mal-estar contemporâneo e que, por isso, teria espaço na imprensa. Embasamo-nos, então, no pensamento de que os intelectuais na imprensa, além de serem indivíduos que carregam os pensamentos de determinada classe e de seu tempo

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Comunicação e Sociedade do PPGCOM/UFJF, integrante do grupo Sensus – Discursos em Comunicação e Saúde, email: bcampos.iara@gmail.com.

³ Mestranda do Curso de Comunicação e Sociedade do PPGCOM/UFJF, integrante do grupo Sensus, email: isabela.lourenco92@gmail.com.

(MANNHEIM, 2001, p. 79), podem ser entendidos também como possíveis porta-vozes de saberes – nas figuras de sábios, literatos, *philosophes* ou ainda, por ora, de “homens de gosto” da cultura – capazes de transmitir conhecimentos, doutrinas, ideologias e emitir interpretações acerca do mundo e da sociedade (BOBBIO, 1997, p.110).

Ainda como intelectuais, os psicanalistas podem ser compreendidos como parte de um “campo intelectual”, em outras palavras, como um sistema que tem leis de funcionamento próprias e que os indivíduos que o compõem e que com ele se relacionam possuem autonomia relativa, uma vez que há interações que dependem de fatores outros, como a sociedade e a época (BOURDIEU, 1968, p.105). É neste sentido que, sob o olhar sociológico, os psicanalistas podem ser percebidos, ora como especialistas da saúde mental, ora como *savants* convocados pelos jornais para desvendar os mistérios do “inconsciente” do país e do mundo.

Dessa forma, a discussão sobre a história do saber psicanalítico passa, necessariamente, pelas questões acerca do mal-estar contemporâneo, uma vez que, o reconhecimento da psicanálise como saber capaz de diagnosticar e discutir problemas não só de saúde mental, mas também de âmbitos outros que afligem os indivíduos – como política, comportamento, economia, educação – está ligado aos modos de subjetividade próprios de cada época.

Cabe-nos explicar que este trabalho é parte de uma pesquisa maior, ainda em andamento, na qual propomo-nos a analisar discursivamente colunas e entrevistas com psicanalistas, em jornais. Neste artigo, observamos quais foram as mudanças na forma de convocação – através de levantamento e categorização temática das colunas assinadas por psicanalistas, durante o período de 1980 a 1998, na Folha de S. Paulo.

1- Saúde mental e mal-estar na contemporaneidade

Para compreensão do objeto de pesquisa, é essencial esclarecer que a tentativa de se definir ou determinar o que é mal-estar na sociedade não é nova e perpassa diversos campos de saber. Sendo um ponto de relevância para a psicanálise, é objeto de amplas discussões que ganham corpo em Freud, em 1930. Para o autor, o mal-estar (*Unbehagen*) pode ser associado a termos como desamparo e sentimento de culpa, que se dão, continuamente, na relação entre o indivíduo e o campo social. Isso gera uma controvérsia, pois ao mesmo tempo em que nossa civilização pode ser fonte de angústias que acometem os sujeitos,

“todas as coisas que buscamos a fim de nos protegermos contra as ameaças oriundas das fontes de sofrimento, fazem parte dessa mesma civilização” (FREUD, 1996, p.15).

Dando continuidade a essa discussão, mas com foco nas subjetividades, Birman (2009) busca fazer uma espécie de atualização do *Mal Estar da Civilização* de Freud, se perguntando, a partir do referencial teórico foucaultiano, quais seriam as características do mal-estar do sujeito na atualidade. Sob o viés da psicanálise, o autor apresenta a análise de modelos de subjetivação investidos pela cultura do narcisismo e pela sociedade do espetáculo, que resultam em uma subjetividade contemporânea caracterizada pela exterioridade e pelo autocentramento (BIRMAN, 2009, p.24).

Cabe-nos ressaltar que Birman utiliza, em sua obra, o discurso sobre a pós-modernidade elaborado por autores das ciências sociais, dentre eles, Bauman (1998), que também nos fornece conceitos sobre o mal-estar. O autor, por um viés sociológico, avalia as diferenças entre a sociedade moderna, fundamentada no excesso de ordem e na consequente escassez de liberdade, e a pós-moderna.

Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da liberdade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais (BAUMAN, 1998, p.10).

Ao seguir esse raciocínio, Birman também considera que a questão do mal-estar se apresenta de forma diferente na atualidade, se comparada com a abordagem da sociedade moderna à qual Freud se refere, devido aos diferentes modos de subjetivação, que são próprios de cada época. No campo da saúde mental, o entendimento de psicopatologia na pós-modernidade “se caracteriza pelo paradigma biológico, em que as neurociências funcionam como referências teóricas” (BIRMAN, 2009, p.186). Com isso, as formas terapêuticas centradas nos psicofármacos adquirem maior importância, relegando, de certa forma, a psicanálise a um papel secundário.

Por sua vez, Ehrenberg (2012 p.17) afirma que, na contemporaneidade, “o mal-estar psíquico tornou-se, progressivamente, um traço de nossos modos de vida” (tradução nossa) e não pode ser considerado como apenas domínio dos saberes que lidam com aquilo que é “patológico” do ponto de vista clínico ou médico-etiológico. Neste sentido, a saúde mental, o sofrimento psíquico e as emoções encontram-se na articulação das neurociências, dos saberes *psi* e da sociologia. Segundo Ehrenberg (2012, p.12), a incerteza de quem somos nós, enquanto sujeitos divididos “entre o homem biológico, o homem psicológico e o homem social”, estabeleceu um “campo de batalha” entre os saberes acerca do mal-estar.

2- As “crises” na psicanálise e a Comunicação

Para esta pesquisa, tomamos como marco inicial, dois importantes acontecimentos da história da psicanálise brasileira: a “crise” institucional da psicanálise (CERQUEIRA FILHO, 1982) e o “caso Amilcar Lobo” (CERQUEIRA FILHO, 1982; COIMBRA, 2005).

A “crise” institucional da psicanálise foi consequência de uma série de insatisfações de alguns psicanalistas associados à Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) em relação a condutas internas da entidade e ganhou espaço na imprensa a partir da publicação da reportagem intitulada “Os Barões da Psicanálise” pelo Jornal do Brasil, em 23 de setembro de 1980. Nas matérias, os psicanalistas Eduardo Mascarenhas, Wilson Chebabi e Hélio Pellegrino denunciavam, por meio de entrevista, aspectos internos das instituições psicanalíticas, como: a “gerontocracia” nas Sociedades, o “falso apoliticismo”, o “elitismo”, “o alto custo da análise” e o “pouco conhecimento”, entre os psicanalistas, das obras de Freud.

A denúncia teve ampla repercussão tanto internamente nas instituições psicanalíticas cariocas filiadas à *International Psychoanalytical Association* (IPA) – SPRJ, da qual Pellegrino e Mascarenhas eram membros associados, e também SBPRJ – quanto na mídia. Isso se deu, conforme discute Birman (1982), “não apenas pela revelação das acusações de que foram objeto dois membros desta instituição [SPRJ], mas, sobretudo, pela revelação de como as dissensões são manejadas e elaboradas no interior de uma instituição psicanalítica” (BIRMAN, 1982, p.140).

A “crise” agravou-se com a expulsão dos psicanalistas envolvidos na denúncia à instituição e, ainda mais, com o “caso Amilcar Lobo”. Este, por sua vez, trata-se da denúncia contra um candidato em formação pela SPRJ, o médico psiquiatra Amilcar Lobo, acusado de ter participado de torturas a presos políticos na “Casa da Morte”, aparelho clandestino de repressão ligado ao Centro de Informações do Exército, durante o regime militar. O maior incômodo é que Lobo teria sido acobertado dentro da SPRJ pelo seu didata à época, o ex-presidente da SPRJ, Leão Cabernite (COIMBRA, 1995).

As denúncias contra Amilcar Lobo, juntamente com as críticas de Pellegrino, Mascarenhas e Chebabi publicadas pela imprensa, acabaram, portanto, por

inaugurar uma crise sem precedentes nas duas sociedades cariocas vinculadas à IPA e deram margem a um grande número de reportagens, em que os periódicos de maior prestígio no país expuseram a uma opinião pública estarecida, o obscurantismo e as relações espúrias que permeavam parte das instituições psicanalíticas do país (PONTE, 1999, p.153).

Este caso revela uma partição, uma crise, não só no seio da própria instituição psicanalítica, mas também no modo como a imprensa compôs a figura de uma comunidade discursiva dos psicanalistas. As disputas internas são comuns às instituições, e em especial, às instituições intelectuais. O escândalo midiático, no entanto, expõe o real da história e põe em risco uma suposta unidade de sentido que marcaria aqueles sujeitos do saber.

O acontecimento histórico que corresponde ao segundo marco temporal, em 1998, trata-se da tensão entre escolas de Psicanálise do Campo Freudiano, incluindo a Escola Brasileira de Psicanálise (EBP), com a organização da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), que havia sido fundada por Jacques-Alain Miller, em 1992. Segundo Ribeiro (1999, p.86), “a crise na AMP, que resultou na Cisão de 1998, inscreve-se por sua vez no cerne da história da psicanálise, marcada por crises, compromissos e cisões”. Assim, nosso recorte temporal abarca dois acontecimentos históricos – que podem ser também entendidos como “acontecimentos discursivos” de crise institucional, a partir de poderes que tencionam o campo de saber psicanalítico.

Como nosso interesse constitui-se pela relação com a Comunicação, buscamos compreender como essa disputa de saberes – bem como de vozes e sentidos atribuídos pelo saber psicanalítico – é materializada na imprensa.

Além disso, o papel da comunicação nesse momento fica evidente quando consideramos que ela “é parte importante dessa luta [por hegemonia] e a natureza e a qualidade de suas práticas podem contribuir para a transformação das estruturas e relações de poder ou para a sua manutenção” (ARAÚJO & CARDOSO, 2007, p. 21). Dessa forma, o fato de os jornais materializarem determinadas vozes e sentidos, e não outros, faz com que elas se insiram como participantes no jogo de disputas de saberes.

3- Psicanalistas na Folha de São Paulo: principais temáticas

Antes de realizar o levantamento de psicanalistas presentes no jornal Folha de S. Paulo e a categorização temática dos textos de colunas assinadas por estes especialistas, explicitaremos alguns procedimentos de coleta.

Primeiramente, recorreremos ao acervo digitalizado do jornal. Através do mecanismo de “busca detalhada”, pesquisamos pelos descritores “psicanalista” e “psicanalistas”, em textos que apresentavam “pelo menos uma das palavras”. Esta busca resultou em 3.669 páginas, ao todo. Na segunda etapa, abrimos manualmente página a página, a fim de identificar quais traziam colunas (fixas ou não, com textos de convidados). Encontramos,

dessa forma, na Folha de S. Paulo: 235 colunas, sendo que, 33 delas correspondem a comentários sobre livros (ora teóricos, sobre psicanálise ou outros saberes, ora de ficção). Cabe-nos detalhar que desconsideramos textos em que psicanalistas não se identificam, na assinatura, nem como “psicanalista” nem como “analista” (embora este último termo não estivesse na busca, foi possível identificá-lo em algumas colunas que mencionavam, no corpo do texto, a palavra “psicanalista”).

Sabemos que, por vezes, o mecanismo possa não ter identificado a assinatura, devido à ilegibilidade – seja consequência do tamanho da letra, seja porque a página foi danificada com o tempo. No entanto, devido ao extenso número de textos coletados, acreditamos que o levantamento e a categorização correspondam a uma quase totalidade das colunas, de forma significativa para a pesquisa. Além disso, justificamos a opção por colunas por serem textos em que a voz do psicanalista é mais direta e mais isenta de edições – ao menos se comparadas a reportagens e notícias que possam convocar psicanalistas na posição de fontes.

3.1 Psicanalistas na Folha de S. Paulo

São, ao todo, 62 psicanalistas colunistas ou articulistas da Folha de S. Paulo, ao longo do período de 1980 a 1998, sendo que sete textos são escritos em coautoria (dois ou três autores). Do total, quatro psicanalistas assinaram mais de 20 colunas: Hélio Pellegrino (autor de 27 textos, de 1981 até 1985, três anos antes de seu falecimento); Betty Milan (autora de 26, sendo 17 deles na década de 1980 e nove na de 1990); Contardo Calligaris (com 22, tendo assinado a primeira publicação em 1993) e Miriam Schnaiderman (com 21, de 1983 a 1998).

Outros quatro tiveram, no mesmo período, entre 10 e 20 colunas: Marta Suplicy (com 16 textos, publicados entre 1991 e 1997); Jurandir Freire Costa (tendo assinado 14 colunas, de 1989 a 1997); Renato Mezan (também com 14 textos, de 1983 a 1998); e Maria Rita Kehl (com 13, publicados entre 1985 e 1998).

Além destes, outros seis psicanalistas tiveram textos publicados no jornal, com mais de três colunas assinadas: Chaim Samuel Katz (com oito colunas distribuídas entre 1981 e 1995); Fábio Hermann (tendo assinado seis textos, todos na década de 1980, de 1981 a 1986); Rubem Alves (com cinco colunas, na segunda metade da década de 1990); Marilene Carone (com quatro, até 1987); Suely Rolnik (também com quatro, entre 1986 e

1997); Elisabeth Roudinesco (psicanalista francesa que teve quatro textos traduzidos para o português, publicados de 1996 a 1998).

Dez psicanalistas – Durval Chechinato, Gregório Baremlitt, Félix Guattari, Jorge Forbes, Regina Chnaiderman, Sérgio Telles, Marina Massi, Márcio V. Pinheiro, Alcimar Alves de Souza Lima, Daisy Wajnberg – tiveram duas colunas assinadas ao longo do período do levantamento e outros 29 (os quais não citaremos cada um dos nomes devido à numerosidade) possuem apenas uma publicação.

3.2 Psicanalistas na Folha de S. Paulo: principais temas

A partir da observação textual das colunas coletadas para a pesquisa, foi possível identificar dois principais eixos temáticos, discriminados a seguir: 1) Temas especializados (ligados mais diretamente ao saber psicanalítico); 2) Temas gerais, discutidos a partir do olhar de psicanalistas.

1) Temas especializados

O eixo de temas especializados pode ser dividido em: a) Saber psicanalítico e outros saberes; b) Instituições (escolas) psicanalíticas e outras instituições; c) Teorias psicanalíticas; d) Prática psicanalítica; e) Formação psicanalítica; f) Divulgação do pensamento psicanalítico; g) História da psicanálise h) Biografias de psicanalistas. A seguir, descreveremos brevemente cada uma destas categorias.

Em **(a)** destacaram-se os saberes filosóficos, sociológicos, religiosos, médicos e psiquiátricos, em diálogo com o saber psicanalítico, conforme esquematizamos no diagrama:

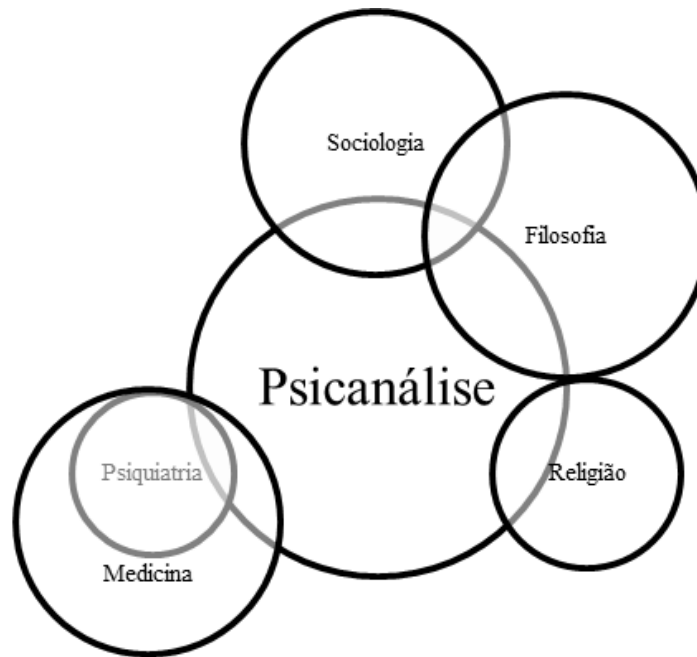


Diagrama 1: Diálogos entre saber psicanalítico e outros saberes

Como representado no diagrama acima, os temas correspondentes aos saberes advindos da psicanálise estão em constante diálogo com outros pensamentos, que também dialogam entre si – como é o caso da Filosofia e da Sociologia. Isso ocorre, por exemplo, quando Contardo Calligaris (30/01/1994) cita a Horkheimer e Renato Mezan (18/09/1987), retoma Habermas, ambos para fundamentarem seus argumentos baseados primeiramente no saber psicanalítico.

Também o saber religioso tangencia o filosófico, sem se desvencilhar da psicanálise, como ocorre em “O gozo místico”, de Sérgio Telles (22/10/1988) e, o saber médico (que inclui o psiquiátrico), é retomado – principalmente de forma crítica, de discordância em relação à psicanálise – como pode ser exemplificado por “Cada disciplina com seu objeto”, assinado por Renato Mezan (21/11/1993) ou ainda no fragmento de texto extraído de Kehl (23/03/1997), no qual ironiza que “alguns profissionais sérios ainda pesquisam uma clínica reichiana consequente, mas são minoria aqui. Reich no Brasil, quem diria, virou musculação, aeróbica, além do bom e velho Carnaval”.

Da mesma forma em que há diálogos entre saberes, há relações entre instituições (b), que ora disputam entre si, ora se reafirmam. Dessa forma, não apenas se destacam os conflitos internos das instituições psicanalíticas – bem como entre outras associações do mesmo campo (como a “crise” da SPRJ e a “cisão” de 1998) – mas também se travam

relações entre Escolas Psicanalíticas e instituições Psiquiátricas e Religiosas (dentre as quais predominam, nas colunas coletadas, as cristãs).

Outra categoria dentre os temas especializados é a que abrange as Teorias psicanalíticas (c). Estas podem ser entendidas como “o resultado da simbolização da suportância desse saber advindo da associação livre” (FORBES, 23/01/1983), em outras palavras, do saber psicanalítico. Correspondem, portanto, a esta categoria, as colunas que discutem conceitos próprios da – ou apropriados pela – psicanálise, tais como: real, transferência, memória, inconsciente, narcisismo, pulsão de morte, subjetividade, desejo, perversão. O segmento de texto a seguir é um exemplo dos muitos debates conceituais e tentativas de definição e/ou de releitura de concepções: “A chamada perversão nada mais é do que a montagem em que os sujeitos, alternadamente, podem ocupar a posição de objeto ou instrumento do gozo do Outro, ou de detentor imaginário do saber que faz o outro gozar” (COSTA, 27/04/1993).

Embora de forma menos frequente do que as abordagens teóricas acerca da psicanálise, há também, no jornal, discussões sobre a prática psicanalítica (d), no sentido da atuação clínica. Este é o caso de “Freire Costa se interroga sobre os limites da psicanálise” (COSTA, Folha de São Paulo, 21/01/1989) e “Conrad Stein examina teoria e prática francesas” (LIMA, 09/04/1988).

Sobre a Formação Psicanalítica (e) – um debate que perpassa teorias e práticas do campo, além de estar ligado à questão institucional – podem ser tomados como exemplos os textos: “Aprendizado da psicanálise: formação ou deformação?” (PELLEGRINO, 03/04/1983) e “Política de formação em Psicanálise” (CHNAIDERMAN, 15/06/1986). Trata-se da ênfase nos procedimentos para que um indivíduo se torne um psicanalista e, em geral, é tomada de forma crítica aos modelos de formação adotados pelas Escolas.

Por sua vez, o que chamamos de “divulgação do pensamento psicanalítico” (f), é uma categoria que abrange comentários sobre livros recém-lançados, cujos autores são psicanalistas ou pensadores da psicanálise – como é o caso, por exemplo, de “Perspectiva lança livro sobre Klein” (MEZAN, 25/11/1987). Incluem-se, como divulgação, também as discussões acerca de eventos (congressos, encontros, debates, seminários) de psicanálise.

Ainda que em menor quantidade, são publicadas colunas que fazem referência à história da psicanálise (g), como em “Horkos ou ‘pelos charutos de Freud’” (HERMANN, 12/06/1983), em que o autor apresenta, cronologicamente, as perspectivas das “gerações”

psicanalíticas. Nesta temática, o jornal localiza acontecimentos históricos no Brasil, na Argentina e na França.

E, por fim, de maneira articulada à história do saber psicanalítico, encontram-se textos biográficos de psicanalistas (**h**), que tanto se debruçam sobre a vida de um único psicanalista – como é o caso de “Biógrafa usou os arquivos da filha de Freud” (BARBOSA, 28/03/1993) e “As metáforas da intimidade” (MASSI, 03/04/1994) – ambos tratam da reconstrução da história de vida de Sigmund Freud. Além disso, buscam relacionar figuras de destaque para a psicanálise, como no fragmento textual: “se Freud é indiscutivelmente o Pai da Psicanálise, e se a Lacan puder ser atribuído o lugar de filho, em que posição colocar Melanie Klein? Talvez na de Espírito Santo... ou na de Virgem Maria, que alguns espíritos maldosos quererão reservar para Anna Freud” (MEZAN, 25/11/1987).

2) Temas gerais

Chamamos de “temas gerais” aqueles que não discutem diretamente o saber psicanalítico, embora possam, muitas vezes, utilizá-lo para interpretar ou analisar determinada questão. São eles: I) Debates ideológicos e religiosos; II) Política; III) Mundo; IV) Desigualdade e Direitos Humanos; V) Temas jurídicos; VI) Economia; VII) Arte e Cultura; VIII) Saúde; IX) Sentimentos; X) Violência; XI) Comportamento. É preciso esclarecer que as temáticas não são isoladas umas das outras, um mesmo texto pode abordar mais de um tema.

Em “Debates ideológicos e religiosos” (**I**) enquadram-se textos que abordam questões acerca do Capitalismo, Comunismo, Marxismo, Fascismo, Nazismo ou Cristianismo. Estas temáticas são bastante recorrentes, perpassando diversas colunas, principalmente as de Hélio Pellegrino e Maria Rita Kehl (por vezes em diálogo com “Política” ou com “Desigualdade e Direitos Humanos”). Os fragmentos de texto a seguir nos servem de exemplo: “O ser humano, no regime capitalista, é mercadoria no mercado de trabalho” (PELLEGRINO, 19/12/1984);

Vinte anos de autoritarismo e medo somados a uns dez ou quinze de inveja e ressentimento em relação aos (poucos) que gozaram mesmo a festa do consumo já que a maioria só consumiu via propaganda e telenovela. Deu no que deu: milhões de pessoas sem lugar social, sem identidade política, recusando-se a ser proletários, mas não sendo muito mais do que isso, orgulhosos só de suas boas intenções (KEHL, 21/08/1985).

Quanto ao debate acerca da religião, é abordado unicamente o Cristianismo e sempre, nas colunas coletadas, pelo viés crítico. É o caso de “Materialismo e misticismo”

(PELLEGRINO, 04/04/1983), em que o psicanalista estabelece relações entre ideologias marxista e cristã ao afirmar que “para Marx, tanto quanto para Freud, a crença religiosa tem o caráter inevitável de uma construção ilusória”.

Em “Política” (II), podemos dizer que as palavras-chave para a identificação temática são: eleição/eleições, democracia, ditadura, repressão, censura e Diretas Já – quanto a esta última, Hélio Pellegrino brinca nos títulos “Lombrigueiro contra indiretas” (03/04/1984) e “Não me venham com indiretas” (08/02/1984). O debate sobre política no Brasil é central também em, por exemplo, “Tortura, nunca mais” (PELLEGRINO, 21/08/1985), “Notas sobre as eleições” (KEHL, 28/12/1989), “Os imorais” (COSTA, 28/03/1993), e, de uma forma mais geral – sem restringir-se ao cenário brasileiro – “Reinventar a política” (GUATTARI, 19/08/1990).

É importante ressaltar que tanto I quanto II dialogam com frequência com questões internas das instituições psicanalíticas (b), quando a abordagem passa pela crítica ao autoritarismo e à falta de democracia dentro das Sociedades de psicanálise.

Correspondem a “Mundo” (III), textos sobre globalização, imigração e guerra, de forma a debater principalmente os efeitos e as causas destes fenômenos. Tais questões são centrais, respectivamente, em “A rede de proteção cosmopolita” (MILAN, 07/04/1996), “A cultura da assimilação” (CALLIGARIS, 23/07/1995) e “As guerras sujas” (PELLEGRINO, 21/05/1983).

“Desigualdade (social, econômica e de gênero) e Direitos Humanos” (IV) é uma temática que dialoga com I, II e III, na medida em que é, frequentemente, abordada como consequência do capitalismo e agravada tanto por decisões político-partidárias, quanto pela guerra ou por dificuldades decorrentes da imigração para a Comunidade Europeia. Correspondem a esta temática os textos intitulados: “A multiplicação dos pães” (PELLEGRINO, 04/10/1983) e “A praga escravagista brasileira” (CALLIGARIS, 22/09/1996).

São constantes também, principalmente nas colunas de Marta Suplicy, a desigualdade de gênero e o feminismo, como pode ser lido em

O problema não está em parir, mas em criar. A mulher só quer ter o filho se o homem dividir o trabalho. Quanto mais a mulher trabalha fora do lar, menos ela quer ser restringida pelas responsabilidades solitárias de educar uma criança. Portanto, para aumentar a taxa de natalidade, esses países dependerão da mudança de comportamento de seus homens (SUPLICY, Folha de São Paulo, 24/09/1993).

Apesar de menos frequentes do que os anteriores, temas jurídicos (V) são também debatidos, por psicanalistas na Folha de S. Paulo, sendo que as principais ocorrências são

relacionadas a processos legais – como em “Erro médico: custo alto nos EUA” (PINHEIRO, 27/01/1992) – legislação (acerca de maioria, criminalização e divórcio) e direito da criança e do adolescente. Também o tema de Economia (VI) não é tão recorrente, mas destaca-se no debate sobre inflação, como é visto no fragmento de “Sadismo e inflação” (MEZAN, 02/07/1994).

Já “Arte e Cultura” (VII) é tema de numerosas colunas, pois abrange comentários sobre diversos gêneros e produções artísticas – literatura, cinema, música, teatro, fotograma, tatuagem, surrealismo –, bem como debates sobre cultura e identidade brasileira (que abarcam colunas sobre carnaval) e, também, debates críticos sobre mídia. Nesta categoria encontram-se não só textos como “Ana, como Gláuber [Rocha]” (MILAN, 09/11/1982) e “Fitzcarraldo: o sentido da inutilidade” (CHNAIDERMAN, 20/02/1983), que recorrem a diretores de cinema ou a produções cinematográficas para desenvolver o debate. Há também textos que fazem referência a poesias e marchinhas de carnaval, para defender o que seria uma identidade brasileira, como no fragmento de Milan (26/05/1984): “Se na guerra da lagosta (1963) o Brasil envia navios para expulsar os pescadores franceses, o carnaval já resolve a questão diplomaticamente, compõe e canta a ‘Marcha da Lagosta’: ‘Largue esta lagosta / Deixe a minha areia / Senão vai dar coisa feia’”.

Há também autores que buscam *diagnosticar* não “o povo brasileiro”, mas o sujeito artista, como em: “Essa doença se chama ‘poesia’. O poeta sabe que a notícia revela sempre o rosto de quem a dá. ‘O país sem limites de cada artista é ele mesmo’, dizia Cummings” (ALVES, 12/11/1995). E, sob outro aspecto, Calligaris (23/10/1994) busca compreender uma questão de mídia na relação com a saúde mental do sujeito contemporâneo:

Qualquer teoria séria das mídias sugeriria que, na verdade, os meios de comunicação de massa tentam oferecer a seus espectadores, em primeiro lugar, as imagens nas quais estes mais querem se espelhar. Talvez por isso mesmo, aliás, nossa relação com as mídias seja facilmente paranoica. De fato, as imagens que elas nos apresentam, para que possamos refleti-las como tantos espelhos, acabam nos perseguindo (CALLIGARIS, Folha de São Paulo, 23/10/1994).

Por sua vez, em temáticas relativas à “Saúde” (VIII), foram identificados textos sobre tratamento e atenção ao doente mental, serviços e sistemas de saúde, crítica a medicamento (antidepressivo), loucura, depressão e Aids. Um dos exemplos é o segmento textual que aborda os sistemas de saúde como direito dos cidadãos (dialogando, portanto, com a categoria “Desigualdade e Direitos Humanos”): “Numa visão moderna da sociedade, a saúde é direito de todos. [...] Mas, ao mesmo tempo, a distribuição do atendimento à saúde está em crise” (PINHEIRO, 25/11/1991). E, de forma a mencionar um dos serviços

do Sistema Público de Saúde (SUS) – os NAPS –, e efetivar a crítica ao atendimento, ao diagnóstico clínico e à medicalização, há o fragmento de texto de Corbisier, a seguir.

Porque o que dá trabalho é olhar para a singularidade de cada um: diagnósticos semelhantes podem significar sofrimentos radicalmente diferentes. O que dá trabalho é fazer visitas domiciliares como é de rotina nas equipes dos NAPS, ter uma equipe de plantão para receber e acolher as criaturas em crise, ficar com elas à noite, durante o tempo que for necessário. O que dá trabalho é medicar em doses que tranquilizem, mas que não apaguem as subjetividades das pessoas (20/06/1996).

Passando às temáticas relacionadas aos “Sentimentos” (**IX**), temos a apresentação de questões relacionadas a medo, culpa, inveja, dor, sofrimento, “o vazio” e também a esperança, paixão e amor. São exemplos desta temática, as passagens “O amor vampiresco desconhece a ética do amor e a sedução de acenos e olhares; há posse imediata do objeto do gozo no transe hipnótico da vítima” (COSTA, 27/12/1992); “vestida de feliz, a criança é a caricatura da felicidade impossível” (CALLIGARIS, 24/07/1994) e “a ciência, tão cheia de pesquisas e de verdades, sabe levar o homem à lua, mas não sabe como fazê-lo amar” (ALVES, 11/03/1998). Esta temática relaciona-se tanto à saúde especificamente, quando expõe questões de saúde mental (por exemplo, a depressão), como também à “Arte e Cultura”, quando estas articulam sentimentos representados em filmes e romances.

Por sua vez, a “Violência” (**X**) é amplamente discutida, nas formas de xenofobia, violência contra a mulher, violência sexual e estupro, violência urbana, violência nos manicômios. Destaca-se, por exemplo, em “Delinquência no paraíso das árvores” (MILAN, 11/09/1981), “Violência e inconsciente” (NUNES, 26/04/1981), “Psicanálise da criminalidade brasileira” (PELLEGRINO, 07/10/1984), “A violência, o sexo e o ‘SOS Mulher’” (KEHL, 08/08/1993) e “A devoração da esperança no próximo” (COSTA, 22/09/1996).

Por fim, questões sobre “Comportamento” (**XI**) – conforme denominamos em nosso quadro temático – incluem sexo, sexualidade (incluindo homossexualidade), vício, suicídio, comportamento agressivo (que se difere de violência devido ao foco à abordagem na estrutura comportamental) e comportamento diante de tecnologias. Exemplificam esta categoria os textos “Quem não pode transar não pode casar” (ALVES, 05/05/1996), “Papai e mamãe nos trópicos: maioria diz viver em uma cultura liberada, mas não se interessa tanto por sexo” (KEHL, 18/01/1998) e “Entre a inocência e o vício” (COSTA, 14/06/1992). Incluem-se também, nesta categoria, textos sobre comportamento infantil e adolescente.

Considerações finais

A partir de levantamento e categorização temática das colunas de psicanalistas na Folha de S. Paulo, foi possível perceber que, embora alguns nomes sejam recorrentes (com colunas fixas semanais e quinzenais, por exemplo), a grande maioria dos psicanalistas que escreve para o jornal não o faz com frequência – ao menos não na forma de coluna. Além disso, alguns nomes consagrados se tornam, pela repetição, referências para determinados temas, como é o caso de Hélio Pellegrino com questões de política e de desigualdade e Direitos Humanos e Marta Suplicy com temas feministas (desigualdade de gênero), por exemplo.

Dentre todas as temáticas, a maior quantidade de textos está relacionada a “Arte e Cultura”, “Violência” e “Comportamento”. Dentre estes temas, a violência, em suas diversas formas, foi o que mobilizou maior número de psicanalistas. Enquanto os especialistas com mais contribuições para o jornal ficaram conhecidos por determinadas temáticas – por exemplo, como já dissemos: Pellegrino com política e questões institucionais; Suplicy com a relação entre política e feminismo; ou mesmo Hermann pela articulação de Filosofia e Psicanálise; e Milan e Chnaiderman com cultura – a violência apareceu em textos de muitos, ora como questão central, ora associada a outras. Destacamos também que Contardo Calligaris e Jurandir Freire Costa foram os psicanalistas que mais transitaram entre diferentes temáticas, dentre os que constam em nosso levantamento e conforme nossa categorização.

Além disso, ressaltamos que, embora aparentemente os psicanalistas colunistas e/ou articulistas não tenham opinado em muitos textos que categorizamos como “Saúde”, se considerarmos este conceito de forma mais ampliada – entendendo, por exemplo, que toda forma de mal-estar (violência, desigualdade, angústia, medo, insegurança) implica em uma questão de saúde – teremos, para encaminhar a análise discursiva das colunas na próxima etapa da pesquisa, um *corpus* bastante rico em discursos de psicanalistas sobre saúde.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo. **Loucos pela vida**: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

_____. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

ARAÚJO, Inesita Soares de; CARDOSO, Janine Miranda; **Comunicação e Saúde**. 1a.ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

BASAGLIA, Franco. Corpo e instituição: Considerações antropológicas e psicopatológicas em psiquiatria institucional. In: AMARANTE, Paulo (Org.). **Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. pp. 73-89.

BIRMAN, Joel. Casa de ferreiro, espeto de pau. In: **Crise da psicanálise**, Rio de Janeiro: Graal, 1982. p.137-152.

_____. **O mal-estar na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Unesp, 1997.

BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In: POUILLON, Jean et al. (Orgs). **Problemas do estruturalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. pp. 105-145.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio. **Crise da psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. **Guardiães da ordem**: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “milagre”. Rio de Janeiro: Oficina do ator, 1995.

_____. Helena Besserman Vianna: a que não abriu mão da dignidade e da ética (1932 – 2002). **Mnemosine**: Revista do Programa de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia, Rio de Janeiro: Ed. UERJ, v.1, n.1, p. 315-318, junho. 2005. Disponível em: <http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/viewFile/59/pdf_45>. Acesso em: 08 jul. 2014.

EHRENBERG, Alain. **La Société du malaise**. Paris: Odile Jacob, 2012.

FREUD, Sigmund. (1930). **O mal-estar na civilização**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MANNHEIM, Karl. O problema da “Intelligentsia”. In: **Sociologia da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2001. pp. 70-139.

PONTE, Carlos Fidélis da. **Médicos, psicanalistas e loucos**: uma contribuição à história da psicanálise no Brasil. 1999. Dissertação de Mestrado em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1999. Disponível em <<http://portaldesicic.fiocruz.br/pdf/FIOCRUZ/1999/pontecfm/capa.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2014.

RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. A cisão de 1998. **Pulsional**: Revista de Psicanálise, Escuta, n.137, p. 83-89, 1999. Disponível em: http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/137_08.pdf. Acesso em 13 fev. 2016.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Por que a psicanálise?** Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000.

RUSSO, Jane. **O mundo psi no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2002.

RUSSO, Jane; VENANCIO, Ana Teresa. Classificando as pessoas e suas perturbações: a 'revolução terminológica' do DSM III. **AUPPF**: Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v.9, p.460-483. 2006.